



Da Fala à Escrita. Mídias e Hipermídias ¹

Maria Ignês Carlos Magno²

Paulo Alexandre Cordeiro de Vasconcelos³

Universidade Anhembi Morumbi e Universidade de São Paulo, SP

RESUMO

A presente comunicação reflete nossas preocupações com as tecnologias da comunicação e da informação no âmbito da educação. As pesquisas, afora o lado teórico adentram pelas práticas dos alunos buscando entender as simultaneidades e as convergências das mídias junto a Comunicação Educativa e como a mesma se reelabora nos constructos de aprendizagem. Nesta perspectiva, pretendemos trazer para essa comunicação e Núcleo de Pesquisa uma reflexão sobre as mutações ocorridas no interior das tecnologias da comunicação e da informação e as alterações provocadas nas relações entre ensino, leitura, escrita e pesquisa e apresentar, a partir de um dos meios de comunicação – o cinema -, uma abordagem metodológica possível para o estudo dessas simultaneidades e convergências tendo como foco do exercício o livro.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação educativa; cinema; tecnologias da comunicação e da informação.

TEXTO DO TRABALHO

Adentrando pela história

A fala e a escrita foram e são ainda agentes do processo comunicacional, e que ainda fazem o esteio do mesmo processo. Multiplicaram-se entretanto os aparatos midiáticos como jornal, cinema, rádio, televisão e a partir da *web*, especialmente com a presença da banda larga, e a popularização dos computadores - *desk top* e *lap top* adensam-se a expansão das linguagens passando pelo sonoro visual, textual escrito e oral, enfim a ascensão das linguagens híbridas ou hipermidiáticas.

¹ Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – NP Comunicação Educativa

² Profª. Dra. da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: unsigster@gmail.com

³ Prof. Dr. Da Universidade Anhembi Morumbi e da Universidade de São Paulo, e-mail: paulo-v@uol.com.br



As tecnologias da comunicação dentro da educação remontam à fala e a escrita, mas é com a igreja e a popularização da mídia impressa, e, portanto do papel e de outros elementos gráficos como: penas; canetas e lápis que se adensam as relações mídia e a educação.

Enquanto na Grécia clássica, a escrita circulava entre os filósofos e aristocratas, como forma iluminada das idéias e discussão do pensamento, e em Roma era um modo de conceder a cidadania e de garantir os direitos dos nobres às propriedades, na Idade Média, as igrejas e os mosteiros eram os únicos centros da cultura letrada, onde se reuniam os especialistas da escrita na sua produção, preservação e até mesmo o restauro de documentos antigos. Nos mosteiros também se concentravam as bibliotecas, os tesauros e cópias variadas de documentos.

A igreja, neste aspecto, passou a monopolizar e a centralizar a produção documental escrita e a exercer o papel de censura para com as obras que seriam transcritas impedindo a divulgação daquelas que não tivessem valor cristão religioso. A leitura, assim, possuía um caráter sagrado religioso e documental, não sendo ensinada aos leigos, pois estes não estavam envolvidos com a formação religiosa. Concentração e domínio do conhecimento que levou, como forma de reação, ao surgimento das heresias com as traduções da Bíblia do latim para o vernáculo. As interpretações e versões contrárias ao Vaticano resultaram em proibições formuladas por Concílios, de se utilizar a Bíblia em língua vernácula, desde que se recebesse especial autorização para fazê-lo.

E se durante muito tempo, a leitura ficou atrelada à esfera religiosa cristã, por volta do século XI, com o desenvolvimento das atividades comerciais e manufatureiras, com o re-aparecimento das áreas urbanas e a o início da perda do poder da igreja, pouco a pouco, o ensino e a escrita puderam chegar ao alcance dos leigos. Tal impulso, que continuou séculos mais tarde com a Reforma de Lutero, com traduções e impressões da bíblia, levaram a própria Igreja católica a também produzir edições impressas da bíblia, com autorizações do Vaticano sobre quem editava, revisava ou traduzia. A igreja tomou consciência de que era preciso difundir e comunicar a fé cristã por meio impresso, e daí saírem derivações bíblicas como adoremus e breviários como modo de ensinar e educar para a fé cristã (Cambi, 1999). A escrita é o primeiro passo dado - para efeito das tecnologias - passando posteriormente pelo ensino religioso, é só com a criação da imprensa que o livro deixou de ser afinado parentalmente com a Bíblia e tomou um



lugar fundamental para a educação até os nossos dias. Ele passava a comunicar conteúdos, erudição, saber/status, inteligência, sagacidade, enfim, cultura (da mídia escrita), da lógica da escrita, do entendimento da lógica textual, nos seus prolegômenos sintáticos/semânticos e morfológicos, mesmo que isto não se apresentasse tão explicitamente, mas subentendia-se.

Para essa nova realidade e suporte, a escola passou a ser o lugar do saber e o livro era repositório disto, comunicando a cultura, o saber e sua diversidade literária. A escola o entronizou na sala de aula, criou a ritualística de como acondicioná-lo protegê-lo e até armazená-lo e lê-lo caso dos *studiuns*, bibliotecas, e parlatórios. (Cambi, 1999). As comunidades e suas manifestações comunicacionais criam e festejam o seu server, como os grêmios líteros recreativos, os literários nos séculos XIX até a metade do século XX. As coleções se proliferam, as escolas as acolhem como fazem-no com os pseudos hipertextos das enciclopédias e dos dicionários.

No entanto, vale ressaltar que mesmo com a popularização e disseminação da mídia impressa, os jornais e as revistas não tiveram o mesmo lugar que o livro no ambiente escolar, não se afinaram na escola dentro do processo educacional e de sua diversidade didática. A mídia impressa periódica ainda hoje não é cultivada dentro dos espaços escolares com algumas exceções nos colégios do país e são poucas as escolas da rede pública que se alimentam dessa mídia como fonte de discussão e leitura, ao mesmo tempo em que a família e a cultura do jovem não pedem esta ritualística dentro da sala de aula.

Igual aos jornais e revistas, o rádio não teve escuta na escola, não foi ritualizado, discutido, nem tampouco vivenciado como situação tecnológica educativa em quase todo século XX. A mesma situação pode ser dita a respeito do cinema e da televisão. Nenhum desses meios de comunicação foi vivido com a mesma intensidade que o fenômeno livro.

Mas, se o livro, os slides aos flanelógrafos são trazidos à escola por suas próprias mãos, com algum impulso do comércio, as mudanças históricas ocorridas no final do século XX, com a globalização já sustentada pelos agenciamentos da comunicação e seus oligopólios tele-midiáticos, desde RCA, IBM, DELL, Sony, Intel, Microsoft, Apple, estão conduzindo outras mídias para a escola, e com o aval da população de alunos, que pedem para as novas confluências midiáticas, como a *web*, os games, o filme em DVD, os pen drives, mp3 e mp4.



Consolidada a globalização na economia, na economia do conhecimento, na gestão do conhecimento, na rede de informações e telecomunicações, telemática, a educação se rende e se configura as condições institucionais adequadas para a tecnologia se difundir e passar a ser gerenciada pelo capital, como afirma Tigre (2006, p.10) “a tecnologia não é ‘neutra’ assumindo a direção apontada pelas forças econômicas e sociais num processo de interação dialética”.

Perpetrada na sociedade, a tecnologia ressignifica a educação, seus conteúdos e procedimentos dando início a um “novo” paradigma educacional. Desta feita, várias mudanças ocorrem dentro da educação e entre elas a mutação do ensino por interatividade midiática. Uma delas diz respeito ao crescente uso da Internet para realização de trabalhos e de pesquisas. Como as mídias vêm fazendo uma quase conversão para lá, e ali se espera o máximo, a mesma se tornou nos últimos anos fonte de uso para os trabalhos escolares e universitários.

E um fato novo está acontecendo em relação ao livro e a leitura. O livro impresso vem deixando de ser o instrumento de pesquisa por excelência, passando por esta tipologia de mídia, com particularidade jamais vista que atravessa o nosso cotidiano e em especial, dos alunos por sua familiaridade com o *desk top* ou *lap top*, enfim, com a informática, o computador, a *web*, que cristalizam seu lazer onde os contatos dos grupos ali se realizam e por essa razão se lhes identifica pela somatória que ela faz confluir outras mídias a si.

As novas tecnologias advindas da *web*, como a multimídia e a hipermídia, vêm possibilitando ao ensino “a exploração de fatores como a associação multisensorial, a interação e a experimentação, trabalhando com diversos recursos integrados para promover a aprendizagem” (Castro apud Soares, 2008web). A *web*, como hipertexto que é, oferece multimeios, além de se identificar como a mídia das mídias, para os jovens concentrando jogos, comunicação, sexo e amizade. É um repositório textual diversificado e que torna mais fácil o acesso ao aluno, ainda mais, pelo fato de que estando o material digitado em forma escrita facilita ao aluno, a sua transcrição no copiar colar ao trabalho.

Todavia na *web* há um lusco e fusco textual, onde se proliferam *sites* de qualidade e de não qualidade anônimos, sejam por enciclopédias digitais, *blogs*, ou toda sorte de textos soltos em forma de *word doc.*, não dando ao aluno visibilidade plena de critérios de qualidade científica, e diante de sua imaturidade intelectual leva-o a



incoerências de leitura e pesquisa, desde o usar e não citar, a usar e não saber citar, ou mesmo copiar e colar.

Dos *sites* mais consultados, a *Wikipedia* se prolifera como modo de pesquisa e muitas vezes por alterações textuais fica travestida, pelos alunos e é usada na composição textual dos trabalhos escolares e universitários. Se a *wiki* *pedia* monopoliza o texto escrito o *You Tube*, da Google e o My Space do grupo do News Corporation, sem falar no *Yahoo* que agenciam a linguagem visual abrindo-se como verdadeiras enciclopédias imagéticas em movimento – ou não - caso de *power point* e movimentos, onde ali de modo mais ou menos democráticos se postam imagens , vídeos, DVD's, enfim, imagens digitalizadas e que são transpostas para a sala de aula e ali não se discute a qualidade e a fontes das mesmas.

Um dos fatores no ensino, especialmente em Metodologia do Trabalho Científico que precisa ser considerado, é a falta de esclarecimento para com as bases de pesquisas e apontamentos para algumas ferramentas tutoriais que melhor se adaptem à leitura e pesquisa do alunado, explicitando os *buscadores* de reconhecida cientificidade e aqueles que por serem do tipo *wiki* não merecem a chancela de científico.

Breton (1994, p.123) ao trabalhar com a Utopia da comunicação chama atenção para os aspectos da Comunicação com Legitimidade científica assim como da incontornabilidade dos Media apontando já para este fenômeno da convergência, já propugnado anteriormente por Wiener, como um dos utopistas da Comunicação, mas detalhando as ações e desvios:

Os media captaram, assim pouco apouco, e depois absorveram a maioria dos canais que tradicionalmente serviam para a produção e difusão da informação. Porém, é preciso evitar encarar esse propósito como um maquiavelismo perverso, ou uma perda em relação a um passado ideal. Os media limitam-se apesar de tudo a preencher um vazio pela qual não são afinal responsáveis. Isso é tão exato que aqueles que avaliam a influência dos media nos comportamento sabem muito bem que quando comunidades permanecem fortes e influentes junto dos seus membros, o impacto dos media é qualitativamente diferente: as mensagens que difundem são reinterpretadas e passam obrigatoriamente pela peneira dos valores próprios da comunidade. Em contrapartida, a importância conferida aos media é uma forma de sida para àqueles- por exemplo, os adolescentes- que querem ganhar autonomia em relação aos valores de um grupo familiar ou comunitário. O Impacto dos media é, pois dependente da natureza da ligação social em que intervêm. Os media contribuem largamente para ampliar os efeitos da própria crise dos valores. Revelam-se globalmente como os primeiros destruidores da idéia de verdade.



De modo prático, diríamos que a utilização dessas mídias descentralizadas, auto-organizadas devem ser compreendida sobretudo coma mediação do professor interagindo de modo dinâmico e com a perspectiva crítica e experimental, num trabalho em equipe, com parcerias de alunos e docentes.

A necessidade de um comunicador educativo que administre a questão dos conteúdos, de pesquisas, enfim que familiarizado com as gorduras da informação dêem conta da crítica da produção da pesquisa em *rede* e faça produzir estudos, amparados por uma didática multidisciplinar – comunicação educação – proponha e reveja condutas e procedimentos nos usos dos conteúdos da *web*, é uma de nossas preocupações e propósitos.

Nesta perspectiva, vale uma reflexão sobre as mutações ocorridas no interior das tecnologias da comunicação e da informação e as alterações provocadas nas relações entre ensino, leitura, escrita e pesquisa e a apresentação, a partir de um dos meios de comunicação – o cinema -, de uma abordagem metodológica possível para o estudo dessas tecnologias da comunicação e da informação tendo como foco o livro e a leitura.

O cinema como meio para discutir leituras, escritas e tecnologias da comunicação.

O mundo do futuro, em que não existe mais de uma única língua, é também o mundo do esquecimento, sem museus, sem bibliotecas, sem livros. (Chartier, Os desafios da escrita, 2002.p.14).

A citação acima é parte de um estudo de Roger Chartier sobre *línguas e leituras no mundo digital*, mais especificamente sobre o conto “*Utopia de um homem que está cansado*” de Jorge Luis Borges, publicado n’*O livro de areia*, mundo dos tempos futuros, no qual o narrador se perdeu, voltou à unidade lingüística. No mundo do futuro, a imprensa havia sido abolida já que tinha sido um dos piores males do homem, porque multiplicara até a vertigem textos desnecessários.

Partindo dos textos de Chartier e dos contos de Borges, a reflexão sobre a leitura, a escrita, a fala, tempos e tecnologias, tem como fio condutor o filme *Fahrenheit*



451, de François Truffaut, de 1966, baseado no livro de ficção científica de Ray Bradbury. Portanto, ficções narradas em dois tipos de registros, de escritas e de suportes tecnológicos: o livro e o cinema.

O filme conta a história de Montag, um bombeiro que tinha como função queimar todo e qualquer material impresso que fosse considerado perigoso, no caso os livros porque traziam a infelicidade. Montag, como a grande maioria das pessoas que viviam plasmadas nas imagens de suas televisões murais, com suas *famílias virtuais*, acreditava que era feliz. Desempenhava seu trabalho com perfeição e sem questionar. Incendiava livros que nunca havia lido até o dia em que presenciou uma mulher preferir ser queimada com sua vasta biblioteca a permanecer viva sem seus livros.

O futuro próximo no filme era totalitário, as casas eram construídas contra incêndios, motivo pelo qual a profissão de bombeiro perdera sua antiga função. Em todas elas a televisão era um grande mural que ocupava uma das paredes da casa, as personagens se intitulavam primos, portanto, todos pertenciam a uma grande família, os programas conduziam os afazeres domésticos, o entretenimento e noticiavam as represálias contra aqueles que desobedeciam ao Estado. Uma dessas notícias era a de prisões de subversivos e de queimas de livros. Subversivos porque além de desafiar a ordem estabelecida, ousavam ler e imaginar. A dupla subversão não estava só no livro e no seu conteúdo, mas na poderosa matéria que produz seu conteúdo: a imaginação e na prensa que podia multiplicar infinitamente os conteúdos imaginados. Se pensarmos na palavra, ela contém em si os dois elementos preciosos para o homem: a imagem e a ação. O movimento interno que leva à criação e que faz do homem um ser simbólico, como nos explica Ernest Cassirer:

O homem não vive dentro de um universo puramente físico, mas sim em um universo simbólico. Língua, mito, arte e religião [...] são os vários fios que compõem o tecido simbólico[...] Qualquer progresso humano no pensamento e na experiência fortalece esse tecido [...] a definição do homem como animal racional não perdeu nada do seu valor [...], mas é fácil perceber que tal definição é uma parte de um todo. Pois lado a lado com a linguagem conceitual há uma linguagem do sentimento, lado a lado com a linguagem lógica ou científica existe a linguagem da imaginação poética. De início a linguagem não exprime pensamentos ou idéias, mas sentimento e afetos. (1948, p:47-49)

Discussão aprofundada por Giovanni Sartori (2001) quando estuda o processo revolucionário dos meios de comunicação com seus muitos tentáculos (internet, computadores pessoais, espaço cibernético, etc), e analisa a ruptura que ocorre no sistema de comunicação lingüística com a descoberta da televisão porque, em sua



análise “o vídeo está transformando o *homo sapiens* produzido pela cultura escrita em *homo videns*, na qual a palavra vem sendo destronada pela imagem” (p:7-8). Para ele, essa capacidade simbólica dos homens se “desdobra na linguagem, na capacidade de comunicar por meio de uma articulação de sons e signos “significantes”, providos de significado. Daí podemos dizer que o homem é um animal que fala, um *animal loquax*” (p:12), que por estar em “constante diálogo consigo mesmo”(Cassirer,1948.p:47), comunica o pensamento, suas idéias, seus conhecimentos, sua cultura. Debate que nos interessa porque: primeiro, porque se considerarmos que embora as civilizações tenham se desenvolvido pela escrita, a disseminação do saber só se deu após a invenção da imprensa, portanto o “*homo sapiens* que multiplica o próprio saber é o homem de Gutemberg [...], e é com Gutemberg que a transmissão da cultura se torna acessível a todos”(Sartori.p:14) segundo, porque o seu foco de análise é exatamente a televisão, bem como observar qual a visão que se tinha sobre a televisão, nos anos de 1960, e também a relação entre a imagem televisiva e o pensamento no contexto das revoluções tecnológicas.

Mildred, mulher de Montag passava o dia em frente a televisão, com os *primos*. Assistia aos programas e acreditava estar interagindo com aquelas imagens e pessoas. Os poucos diálogos que tinham eram sobre os programas. Os afetos como os sentimentos ficavam cada vez mais efêmeros e o que se instalava era o esquecimento, traduzido na seqüência em que Mildred havia comprado um presente para Montag, mas não se lembrava o porquê da compra e do presente. A memória e a conversação frente às imagens televisivas ou vistas de longe (tele-ver), tornavam-se secundárias. Eles viviam o presente, o passado não estava em questão, o *acontecimento* era aquele dado pela tela da TV, *acontecimento* que segundo Couchot (2003) faz do espectador *uma espécie de míope temporário*, aproximando-se de Sartori, quando diz que a “sobreapresentação televisiva favorece a perda da memória e paralisa a antecipação reflexiva” (Couchot.p:83). Mesmo sabendo que a televisão deixou ser o suporte máximo da multimídia, sendo ultrapassada pelo computador que além de unificar ‘a palavra, o som e as imagens em si, introduz nos objetos “visíveis” realidades simuladas, isto é virtuais” (Sartori,p:20), o estudo da televisão se faz necessário porque foi com ela que houve, segundo teóricos, o ponto de virada do contexto da fala para o da imagem, e a modificação da própria natureza da comunicação. Mutação mostrada no filme sob o ângulo da alienação, o que é perfeitamente compreensível por ser um filme de 1960, quando os debates em torno dos efeitos da televisão sobre o sujeito e sobre a



consciência transformadora da realidade eram acirrados. Como o filme é fio condutor de nossas reflexões sobre leitura, fala, escrita e tecnologias da comunicação, voltemos ao livro.

No filme a escrita havia sido abolida e o livro proibido. Chama-nos a atenção, no entanto, a existência de jornais e revistas. Quando atentamos para suas páginas, percebemos que são apenas imagens. As histórias contadas por meio de imagens, como os primeiros livros sagrados. Quando recuperamos a história da escrita, observamos que ela sempre transitou entre o sagrado e o profano, tanto no ocidente como no oriente. A criação do alfabeto, base da cultura analítica também tinha seu duplo: criado para o registro da fala e para facilitar os domínios ou os intercâmbios comerciais, eram desenhos que precisavam ser decifrados para serem compreendidos. E mais, precisava de suportes e técnicas que lhes permitissem os registros, a preservação da informação e a disseminação do conhecimento. Nesse movimento interno e externo, a criação da prensa viabilizou não só a materialidade do pensamento como a sua reprodução por meio do livro. Se cruzadas, essas informações podem enriquecer a leitura e ampliar a compreensão das sociedades e culturas humanas em seus processos tecnológicos e permitir entendermos porque o aparecimento de um novo meio de comunicação liberta o mais antigo para um esforço criador. Como nos explicavam Carpenter e McLuhan (1964,p:199-200), a escrita não registrou a linguagem oral, mas foi uma nova linguagem que a palavra falada acabou por imitar. O livro impresso de Gutenberg completa um processo na medida em que a página escrita, com desenhos e cores, correlação entre símbolo e espaço, cede lugar a um tipo de página uniforme com páginas em preto e branco e lidas silenciosamente porque o formato do livro favorece a expressão linear e o modo analítico de pensamento, e que a revista cujo formato se presta à simultaneidade e não à cronologia e nem à linearidade se aproxima mais da televisão do que podemos imaginar.

Mas o livro também é visto como repositório de saberes e de memórias. No filme, saberes e memórias proibidos de serem conhecidos. Daí a necessidade que as pessoas acreditassem que em suas páginas estavam os germes da infelicidade. Os bombeiros como guardiões da ordem, da paz e da felicidade, tinham no fogo, exatamente como no mundo medieval, o elemento da purificação e da segurança. E nesse ponto vale retomarmos algumas seqüências para entendermos a interessante dialética que existe entre oralidade, escrita, resistências.



Durante as viagens que Montag fazia de sua casa a corporação dos bombeiros, era sempre abordado por uma outra mulher que lhe fazia estranhas perguntas, como você é feliz?, ou lhe contava histórias que ele desconhecia, uma delas a de que no passado os bombeiros eram pessoas que apagavam incêndios, o que faz Montag rir. Na verdade, ela era parte da resistência, parte daqueles que se recusaram a deixar de ler. Amiga da senhora que se deixou queimar com a sua biblioteca e que representou o início da mudança de Montag. O que aqueles livros tinham de tão importante? Momento em que a curiosidade, leva Montag a começar a roubar livros e escondê-los. Passou a praticar o que ensinava em suas aulas: para achar um livro era preciso saber escondê-lo.

Em seqüência memorável que a narrativa cinematográfica nos possibilita porque tem na imagem a força dessa narrativa, é a seqüência em que Montag, enquanto sua mulher dorme, pega o livro que escondeu, ajeita a cadeira próximo a luz da TV, acomoda-se e lentamente abre as páginas de um livro. A mesma fascinação e curiosidade de Montag se apodera do espectador. Montag, na clandestinidade, abre o livro e pausadamente lê desde a sua imprensa até chegar a página em que revela: David Copperfield de Charles Dickens, capítulo um: *Quando eu nasci* ...Charles Dickens lhe deu a vida, mas David Copperfield não foi o livro de sua memória, foi o primeiro dos outros que roubou e devorou, noites após noites até ser descoberto e denunciado. Agora na clandestinidade política foge e se refugia no bosque da resistência. Aqui a interessante dialética também se revela. Para fazer parte da comunidade, cada pessoa deveria escolher e ser um autor, ser um livro, sabê-lo de cor e salteado. No entanto, no bosque da resistência não havia livros guardados, não havia biblioteca. Os livros, depois de decorados também eram queimados. A memória voltava a ser o repositório do saber e a oralidade a forma de transmissão dessa memória. Memórias falantes, vozes que ecoavam entre as árvores, entre pessoas. As pessoas eram bibliotecas andantes. Entre recitações e apresentações, Montag era Edgar Allan Poe.

Penso que já podemos voltar a Luis Borges e ao seu *O livro de areia* em que conta a história de um estrangeiro que bateu em sua porta para lhe vender um livro. Não qualquer livro, um livro parecido com uma bíblia, mas que não era.

“Abri-o ao acaso. Os caracteres eram-me estranhos. As páginas, que me pareceram gastas e de pobre tipografia estavam impressas em duas colunas, como uma bíblia [...] Chamou-me a atenção que a página par trouxesse o número (digamos) 40.514 e a ímpar, a seguinte, 999. [...] Trazia uma pequena ilustração, como é usual nos dicionários: uma âncora desenhada a pena, como pela desajeitada mão de um menino. Foi então que o desconhecido disse: Olhe-a bem. Nunca mais a verá.[...]”



Em seguida, baixou a voz, como que para me confiar um segredo: adquiri-o em um povoado da planície, em troca de algumas rúpias e da Bíblia. Seu possuidor não sabia ler. Suspeito que no Livro dos Livros viu um amuleto. Era da casta mais baixa; as pessoas não podiam pisar sua sombra, sem contaminação. Disse-me que seu livro se chamava o Livro de Areia, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim” (Borges, 1975.p:111-112).

Como também podemos voltar às reflexões de Chartier sobre línguas e leituras na época da textualidade eletrônica discutida à luz das fábulas borgianas, e à introdução desse texto, quando levantamos o problema das hipermídias, da leitura e da pesquisa no âmbito da educação.

Sem nos esquecermos que a complexidade do assunto é imensa porque apesar de real ainda é uma jovem realidade, e por ser jovem e estar aí no mundo real e virtual, precisamos trazer o debate para a sala de aula e tentar entender algumas de suas inúmeras características e problemas. Apenas para citar alguns, segundo Chartier (p:25) “Esse novo texto é móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica”. No entanto, nesse deslocar, recortar, recompor as unidades das quais o leitor se apodera, desaparece o autor uma vez a escrita se torna coletiva, o que nos coloca não só o problema autoral, como o de sua validade científica. Ou, um outro problema também levantando por Chartier (p:31) é o de como caracterizar a leitura do texto eletrônico se a tela não é uma página, mas um espaço de três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para realçar a superfície iluminada, portanto, continua o autor, no espaço digital, é o próprio texto, e não seu suporte, que está desdobrado. São questões que estão desafiando, entre outros aspectos, a ordem dos discursos já que nossa herança é a de uma cultura impressa. E nessa ordem, o mundo eletrônico vem provocando uma tríplice ruptura: “propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhe uma nova forma de inscrição”(p:23-24).

Finalmente, se entendermos que as técnicas e as tecnologias acompanham a história humana desde que o primeiro sílex foi talhado até às realizações mais contemporâneas das tecnologias (Scheps-1996, p.20), que não são corpos estranhos ao homem, que as máquinas e os procedimentos científicos que as põem em movimento seriam algo que o próprio homem produz (Machado-2001), algo que amplia ou “estende” os seus sentidos e a sua capacidade de compreensão (McLuhan-1969),



compreenderemos porque estamos assistindo a uma transformação similar a vivida no ano de 700 AC.

quando os gregos inventaram o alfabeto e que essa tecnologia conceitual constituiu a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência como conhecemos hoje [...] uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo 2700 a.C anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou, em outras palavras, a formação de um Supertexto e uma Metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. O espírito humano reúne suas dimensões em uma nova interação entre os dois lados do cérebro, máquinas e contextos sociais. A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. (Castells 2000, p.353/354)

Como muda o caráter da educação. Os desdobramentos e os hibridismos ao se manifestarem no interior de cada meio, de cada processo tecnológico abrem para novas relações e para novos ambientes, bem como as diferentes formas de comunicação, técnicas e tecnologias favorecendo os diálogos entre as diversas linguagens, sejam elas artísticas, culturais e científicas, permitindo, assim, as mudanças e as possibilidades de ensino porque os sentido não operam sozinhos e a cada mudança tecnológica implica em uma nova forma de entender e de ver o mundo.

A verdade é que o desafio está lançado. E vale a pergunta que Chartier (p:31) faz a partir de Borges: “Será o texto eletrônico um novo livro de areia cujo número de páginas era infinito, que não se podia ler e que era tão monstruoso que foi sepultado nas úmidas estantes da Biblioteca Nacional da Rua México?”. Como ainda não sabemos as respostas, podemos retomar as fábulas de Borges, os textos de Chartier, o filme de Trufaut e começar a imaginar.

REFERÊNCIAS

- BRETON, Philippe. A Utopia da Comunicação. Lisboa, Instituto Piaget, 1994
CAMBI, Franco. Historia da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.
CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. V.1. São Paulo: Paz e terra, 1999.
CARPENTER, Edmundo e McLUHAN, Marshall. Revolução na Comunicação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2002.



- COUCHOT, Edmond. A tecnologia na arte. Da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2003.
- MACHADO, Arlindo. Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas. 3^a. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2001.
- McLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem. São Paulo: Ed. Cultrix, 1964.
- SARTORI, Giovanni. Homo Videns. Televisão e pós-pensamento. Bauru, SP:EDUSC, 2001.
- SELDES, Gilbert. Revolução nas Comunicações. In CARPENTER, Edmundo e McLUHAN, Marshall. Revolução na Comunicação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- SIGAUT, François. A Tecnologia, Uma Ciência Humana. In: SCHEPS, Ruth. Org. O Império das Técnicas. Campinas. São Paulo:Papirus, 1996.
- SCHEPS, Ruth. Org. O Império das Técnicas. Campinas. São Paulo:Papirus, 1996.
- TIGRE, Paulo Bastos. Gestão da inovação: a economia da tecnologia no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.